



A Ciência e os caminhos do desenvolvimento

O Canto da Resistência: Mulheres Negras e a Linguagem do Samba na Contemporaneidade

Jéssica Oliveira, Giovane do Nascimento.

O Samba Urbano tem, em sua formação, a organização das Tias Baianas, mulheres negras cuja fama de grandes Yalorixás, festeiras e quituteiras, perdura até os dias atuais. Entretanto, após diversos acontecimentos históricos, como a “elevação do Samba a identidade nacional”, ou a internacionalização do Samba, por exemplo, a imagem dessas Tias foi aos poucos desvinculada das grandes decisões tomadas para a manutenção da expressão cultural. No final da década de 1940, as pastoras - papel fundamentalmente realizado pelas Tias baianas - vão perdendo espaço, e se por volta de 1946 às escolas tinham aproximadamente 40 pastoras responsáveis por “puxar” o samba-enredo e improvisar durante os desfiles das escolas, a inserção do carro de som e a proibição do improviso nos desfiles das escolas de Samba vão resultar na diminuição desse quantitativo para uma meia dúzia. O surgimento das passistas na década de 1950, ala representante do “gingado da mulher brasileira”, vai representar posteriormente uma das únicas possibilidades de ascensão social de mulheres negras no Samba. Desse modo, torna-se uma das alas mais representativas composta por mulheres negras, ao lado das baianas, evidenciando uma oposição dos papéis marcados pela modernidade x tradição. A corporeidade e a performance naturais de quaisquer expressões culturais de matrizes africanas, vão, aos poucos, sendo descaracterizadas e realizadas quase exclusivamente por mulheres. No imaginário social a figura da mulher negra sambista está vinculada à “globeleza”, uma figura desnuda, com medidas corporais “tipicamente brasileiros” e que seus passos sensuais de samba, escondem uma “sexualidade inata da mulata brasileira”. Nesse sentido, este trabalho tem por objetivo compreender como a interseccionalidade entre raça e gênero influencia na produção de diferentes tipos de experiências no Samba Moderno. Para entender tal questão faz-se necessário, em primeiro lugar, analisar como se dá o processo de formação das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, a relação com a ditadura do Estado Novo, o processo de internacionalização do Samba e como influenciam as relações de gênero na expressão cultural; analisar o processo de industrialização do Samba e a divisão de tarefas a partir da divisão sexual do trabalho; analisar o modelo de organização da Liga das Escolas de Samba (LIESA) avaliando em que medida a relação com as mídias digitais e outros meios de comunicações corrobora com a manutenção de estereótipos.

Ex.: Samba, Mulher negra, Interseccionalidade.

Instituição de fomento: Capes.